

ESTRUTURA, CRIATIVIDADE E TRANSFORMAÇÃO NO LÉXICO

Izidoro Blikstein

- "Claudine:* Parfaitement. Il avait cinquante-trois.
Le médecin a dit qu'il était mort de l'*embouligue*.
- César:* De l'*embouligue*?
- Claudine:* Oui, monsieur, il avait un *embouligue*!
- César:* tâtant le *nombril*): Moi aussi, j'ai un *embouligue*!
(se):
Tout le monde a un *embouligue*!
- Escartefigue* (fièrement): Moi, le mien, il est grand comme une
pièce de cinq francs!
- Claudine* (supérieure): Mais ça ne veut pas dire le *nombril*!
L'*embouligue*, dans le langage des savants, c'est une
maladie. Le médecin a dit: "C'est une espèce de
bouchon qui se met dans les artères. "Et tout d'un coup,
cloc! Ça s'éteint comme si on te coupait le gaz!
- César* (scientifique): Ah! elle veut dire une *embolidre*!
- M. Brun* (pince-sans-rire): Il y a même des gens qui appel-
lent ça une *embolie*."
(Marcel Pagnol — *César*, Dans la salle à manger de
Panisse).

1. Introdução

a) O objetivo do presente artigo é rastrear, na esteira do pensamento lingüístico do fim do século XIX até a atualidade, algumas tentativas fecundas de descrição e explicação das configurações formais e semânticas das estruturas léxicas.

b) Em que pese a inegável contribuição do comparatismo histórico e, mais particularmente, dos neogramáticos, para a metodologia da reconstrução lexicológica, é forçoso reconhecer que as palavras eram tratadas pelos comparatistas como "objetos évoluants, mais inac-

tifs” (1), o que acarretava uma “atomização”, e mesmo uma esterilidade, nos estudos lexicológicos: na escrupulosa pesquisa das relações formais entre as palavras aparentadas, as dificuldades semânticas eram mencionadas sem uma particular atenção, desde que as leis fonéticas explicassem a evolução da passarela entre a forma moderna e o seu étimo.

1.3. Alguns lingüistas, como H. Schuchardt, J. Gilliéron, J. Jud e A. Meillet, manifestaram-se quanto à necessidade de descrição dos funcionamentos das transformações no plano semântico, o que permitiria uma explicação mais completa da formação das estruturas léxicas. Paralelamente, reflexões e pesquisas mais realistas suscitaram novas perspectivas para a análise dos fatos lingüísticos: nem tudo seria explicado pela genealogia indo-européia, pois a investigação de um falar regional “ao vivo” poderia trazer muitas informações preciosas para uma melhor compreensão da criatividade léxica. Os lingüistas começaram a interessar-se pelo funcionamento da linguagem observado diretamente, libertando-se, de certo modo, de dados “livrescos” sobre fatos que se perdiam no tempo e cuja verificação era impossível: é o caso das renovadoras pesquisas do Padre P. Rousset contidas em *Les modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin* (1891). Por outro lado, uma nova perspectiva se abria também com reflexões sobre a distribuição das línguas, agora não mais segundo o modelo naturalista da “árvore” schleicheriana, mas sob um ponto de vista muito mais consoante com uma ciência humana que é a lingüística: trata-se da *Wellentheorie*, “teoria das ondas”, idealizada por J. Schmidt (1872), para quem o fenômeno lingüístico se distribui de um modo semelhante ao da irradiação e propagação de ondas concêntricas que “longe de coincidir, se entrecruzam e formam uma grande complexidade de traços dialetais” (2).

1.4. Com a *geografia lingüística* e a escola das *palavras e coisas* (*Wörter und Sachen*), a história das palavras deixou de ser traçada simplesmente por leis fonéticas e passou a ser o resultado do cruzamento e combinação de vários tipos de informação: repartição geográfica das palavras, limites, irradiação, relações com as “coisas” designadas etc. Criatividade e transformação no léxico podem ser explicadas de um modo mais “global” a partir do momento em que a ciência etimológica começa a integrar em seu domínio a história das relações entre significantes e significados, “a do emprego do signo no

(1). — A. Rey — “Le dictionnaire étymologique de W. von Wartburg”, p. 87.

(2). — M. Leroy — *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna*, pp. 62-3.

processo social de comunicação e no funcionamento da designação, suscitando a intervenção do conhecimento dos *referentes* (*Sachen*)⁽³⁾.

2. *História e estrutura no léxico.*

2.1. Um dos resultados metodológicos dessa visão “integralizante” da etimologia foi a necessidade de que os dicionários etimológicos se tornassem históricos, com a introdução da cronologia, localização e descrição dos valores funcionais de cada unidade tratada. Diz W von Wartburg:

“Primitivamente, bastava constatar o ponto de partida e o ponto de chegada da evolução, por exemplo, fazer *jour*, “dia”, remontar ao lat. *diurnus*; quanto ao problema de saber porque o latim *dies* teve de ceder seu lugar, como se desenrolou o combate entre essas duas palavras e quais fases sucessivas ele atravessou, a isso tudo se dava uma bem pequena atenção” (4)

Trata-se de uma atitude completamente nova: para o etimologista tradicional, a mudança de sentido era vista como um desenvolvimento espontâneo, a partir de um primeiro sentido, quando a grande maioria dos casos nos mostra que as coisas não são assim tão simples. As variações semânticas envolvem-se numa cadeia complexa de acontecimentos e só poderão ser explicadas, se acompanharmos as transformações do campo de associações em que as palavras se integram de um modo global, em vez de seguir o destino individual de cada palavra. É conhecida a irônica alusão de Gilliéron ao método tradicional utilizado pelos etimologistas, ao comparar suas explicações à seguinte biografia de Balzac: “Balzac, sentado no colo de sua ama, trajava uma roupa azul com listas vermelhas. Escreveu a *Comédia Humana*” (5). Não, já não basta a genealogia das palavras, mas é necessário determinar a rede de associações formais e semânticas que ligam as palavras entre si num dado sistema lingüístico.

2.2. A palavra *viande*, “carne comestível”, por exemplo, está envolvida numa rede em que também se encontra *chère*, descendente do termo greco-latino *cara*, “cabeça”, e que significa “bom prato, boa refeição” na expressão *faire bonne chère* “comer bem”. O sentido inicial de *viande*, “alimento” (do lat. vulg. *uīuenda*) restringiu-se para “carne comestível”, substituindo a lacuna ocasionada por *chair* que,

(3) — A. Rey, *ibidem*, p. 87

(4). — W. von Wartburg — *Problèmes et méthodes de la linguistique*, p. 124.

(5). — *idem, ibidem*, p. 128.

por sua vez, sofreu uma ampliação de sentido, passando de “carne comestível” a “carne” em geral (do corpo humano, dos frutos), adquirindo mesmo uma conotação religiosa, por oposição a “espírito” (cf. *Mat. 26, .1: Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma*, e fr. *la chair est faible*). Cabe a pergunta: por que esta ampliação ou generalização de sentido de *chair* (do lat. *carnem*)? Aí vai a explicação, baseada nos verbetes *viande*, *chair* e *chère* do *Dictionnaire Étymologique*, de Bloch e Wartburg: *chair* tinha como homônimo *chère*, cujo significado, “rosto”, “cara”, foi desaparecendo por volta do século XVII, permanecendo o de “boa comida” em *faire bonne chère*, “comer bem” (“fazer boa cara, por comer bem”) pode-se perceber como a homonímia entre *chair* e *chère* certamente provocaria embaraçosas ambigüidades, particularmente durante a quaresma, em que se deve obedecer à abstinência quanto à carne. A partir daí, conforme a nova ótica dos etimologistas, o choque homonímico teria levado o povo a evitar o emprego de *chair* como “carne comestível”, enquanto o sentido de *viande* se especializava nessa direção semântica. Trata-se, sem dúvida, de uma explicação bem mais ampla do que a resultante da associação binária entre dois termos isolados.

2.3. A noção de *família de palavras* enriqueceu-se pela explicação das relações entre significados e também por levar-se em consideração a totalidade dos dialetos que forneciam numerosas palavras pertencentes aos subconjuntos funcionais da língua. Muda e amplia-se o conceito de reconstrução que surge agora como uma verdadeira combinatória de numerosos dados recolhidos da *história* da palavra e de *pesquisas* dialetais (ilustradas por mapas lingüísticos). P. Guiraud vê essa combinatória como um autêntico “puzzle”:

“ de umas trezentas formas reunidas por Wartburg e reagrupadas segundo a sua dispersão dialetal, avulta o parentesco de *nombril*, *bourriquet*, *mounille*, *ambugnon*, *lambillot* etc., que remontam ao lat. *ūmbiliculus*

	ūmbiliculus	
omblill	*ombelill	*ombeligol
ombrill	embonill	embourigol
nombrill	embugnon	embou:igot

Temos três tipos conforme a manutenção ou não das vogais pretônica e postônica, conforme a área dialetal. A partir dessas formas, ocorreu uma série de acidentes...: dissimilação do *l* em *r* ou *n*; matátese do *l* (certamente acelerada pela aglutinação do artigo); metátese da vogal inicial (* *ombeliculus* > *oemboliculus*) dança de sufixo. *Lambill lambillot* representa um **emblill* com

dupla metátese do *l* e da vogal inicial. *Mounille* é uma aferese de *embonill* por assimilação do *b* em contacto com o *m*”

E pergunta, ironicamente, Guiraud:

“Mas que leis fonéticas poderiam justificar tais fenômenos?” (6) Trata-se aqui não mais do estabelecimento do étimo (nem sempre observável, aliás, como no caso do indo-europeu) e sim da determinação de liames formais e semânticos dos conjuntos ou famílias léxicas.

2.4. Emerge um princípio básico desse novo tipo de investigação etimológica: as palavras não vivem isoladas dentro do vocabulário e a relação significante/significado deve completar-se com outras relações que ligam as palavras às suas vizinhas. Cada palavra está inserida, então, num *campo associativo* (7), feito de um entrecruzar de significantes e significados; essa dupla rede associativa, *instável, subjetiva*, e, no entanto, *real* estaria subjacente a todas as transformações do léxico. A novidade da nova “escola” etimológica é a introdução do *acidental* no estabelecimento das famílias ou conjuntos léxicos, pois o jogo de motivações lingüísticas num campo associativo é tão variado e subjetivo que cada palavra é levada a uma situação particular e irreduzível, fornecendo *leis* igualmente particulares e irreduzíveis. Decorre, então, um segundo princípio das considerações acima: *cada palavra tem a sua história*, com seus acidentes e vicissitudes.

2.5. Para a *etimologia-história* — como quer K. Baldinger, diferenciando-a da *etimologia-origem* dos comparatistas (8) — é preciso estabelecer a *história* de cada palavra e, ao longo dessa história, as leis da evolução lingüística — tanto fonéticas quanto morfológicas — são perturbadas por fenômenos parasitários que formam um complexo de relações, único em cada caso. Na comparação de P. Guiraud (9), o etimologista deve atuar como o detetive, tentando responder a várias perguntas que envolvem a palavra (*como, que, quando, onde, porque*, etc.) e tocam fundamentalmente a aspectos de *espaço e tempo* (visualizados pelos mapas lingüísticos). A *cronologia* é, pois, decisiva para a filiação etimológica, dirimindo muitos equívocos; basta ler esta bela carta que P. Guiraud não chegou a enviar a Gaston Bachelard:

(6). — P. Guiraud — *L'Etymologie*, pp. 80-81. t

(7). — Cf. F. de Saussure — *Curso de Lingüística Geral*, cap. V, 2ª parte (Relações sintagmáticas e associativas); cf. Ch. Bally, “L'arbitraire du signe”, in *Le Français Moderne*, VIII, 1940.

(8) — K. Baldinger, “L'Etymologie hier et aujourd'hui”, p. 239.

(9). — P. Guiraud, *op. cit.*, pp. 37-8.

“Meu caro Mestre, estou lendo *La Poétique de la Rêverie*: sobre o feminino e masculino, há coisas de estremecer a Linguística inteira mas que são muito de meu agrado.

Mas é de outra coisa que gostaria de falar-lhe. À p. 9, relevo a seguinte frase: “A Psicologia tem mais a perder do que a ganhar, por formar suas noções básicas inspirada em derivações etimológicas. Assim é que a Etimologia amortece as diferenças mais nítidas que separam *rêve* “sonho” de *rêverie* “devaneio”, o que o embaraça; mas, na verdade, a Etimologia concorda com sua intuição.

Rêverie data do século XII e *rêve* do XVII, constituindo duas palavras diferentes.

Eis a situação. Existe um verbo antigo *resver* (com formas *raver*) de origem bem enigmática — a etimologia proposta por Wartburg não é, segundo penso, inteiramente probatória —, mas seu sentido e cronologia, de qualquer modo, estão bem estabelecidos: a palavra significa “vagabundar” com o sentido secundário (próprio desse semantismo) de “delirar” (sair do *sillon* “sulco”), “divagar” etc.; tal verbo tem como substantivo *resverie* com derivados *resvasser*, *resveur*, *resvasseur*, *resvasserie*...

No fim do século XVI, *resver* adquire seu sentido metafórico moderno e substitui *songer*, formando-se, ao mesmo tempo um novo pós-verbal, *rêve*.

Mofo'ogia semântica e cronologicamente, *rêve* e *reverie* remontam a duas formas diferentes de *étimo*, o que deve alegrá-lo, espero. É claro, porém, que *rêve* e *rêverie* se contaminaram posteriormente; o sentido inicial evidencia-se, no entanto, ainda em expressões como “vous *rêvez*, mon ami” (você está sonhando, meu amigo) e, certamente, nas *rêveries*, “devaneios”, de um *promeneur solitaire*. *Rêveur*, “sonhador”, é bem ambíguo, mas o filósofo *rêveur* que é, meu caro Mestre, nos vem diretamente da alta Idade Média. Curioso é que, enquanto, *rêver* substitui *Songer*, este último assume o antigo sentido de rêver. Mas isto é outra história...

A seguir, explica Guiraud:

“Esta era minha carta; mas — como acontece — ficou alguns dias em minha escrivaninha — e, numa manhã, morria Bachelard e calava-se a fonte mais generosa no arido racionalismo da crítica universitária francesa. Era a mais bela figura desse Álbum imaginário dos Mestres que não tive. Eu o amava.

O leitor deve compreender o sentimento que me leva a enviar hoje a carta que nunca seguiu. E espero que me descul-

pe o desvio para demonstrar-lhe a importância da cronologia” (10).

Também eu devo desculpar-me por este desvio, mas a transcrição da carta de Guiraud ilustra, ao mesmo tempo a atualidade da prática etimológica e seu envolvimento no contexto das Ciências Humanas, enquanto, por outro lado, sugere a necessidade de os linguistas não ficarem presos e “bitolados” em seus esquemas e quadros mentais — pretensiosamente exatos e quantificáveis —, mas abrir-se para uma finalidade mais ampla, de cunho humanístico.

3. *Problemas e contribuições da etimologia-história*

3.1 A constatação das “vicissitudes” ou “acidentes” do campo associativo da palavra — que trazia a vantagem de provocar a abertura da Etimologia para o imprevisível — acarretou um corolário bem peculiar: a necessidade de controlar esses “acidentes”, numa perspectiva quase antropomórfica. As palavras são atacadas de “doenças” como *desgaste fonético, contaminação de forma e sentido, colisões homônimas, conflitos* e, nesse sentido, os títulos das obras de J. Gilliéron são bem sintomáticos: *Phatologie et thérapeutique verbales* (1921), *Thaumaturgie Linguistique* (1923) etc. Impressiona a Gilliéron, por exemplo, que *apis* “abelha” tenha chegado a *es*, por desgaste fonético, mas tenha sido eliminada ou substituída, de um modo geral, por derivados morfológicos (*avette, abeille, apette* etc.) ou derivados semânticos (*mouche à miel, mouchette* etc.), sendo que a forma provençal *abeille* se generalizou finalmente. Tais acidentes são encarados por Gilliéron como próprios da “patologia” da comunicação lingüística; essa perspectiva vai arrastar a Etimologia a uma metalíngua perigosa, por ser marcadamente “antropomórfica” e externa à Lingüística.

3.2. A observação das “doenças” fonéticas e homônimas sugere uma visão sincrônica do léxico, ficando evidente que a criação verbal pode ser determinada dentro do campo associativo de uma palavra ou pelas relações dos vários campos associativos no seio da estrutura lingüística. Mas *estrutura* é ainda uma idéia implícita em Gilliéron, Wartburg e outros e as conseqüências das observações feitas por esses estudiosos são ainda puramente empíricas e externas à Lingüística (11). Na prática, entretanto, devemos reconhecer que a nova escola introduz a análise sincrônica do léxico, ao observar, não propriamente a história isolada da palavra, mas a história de suas relações

(10). — *idem, ibidem*, pp. 39-40. z

(11). — *idem, ibidem*, p. 76.

formais e semânticas. A Etimologia começa a tomar uma direção estrutural, combinando história e sistema, como assinalou Baldinger: “...a história de *coxa* é, ao mesmo tempo, a história de *femur*, *fi-mus* e **hanka*. Desde que haja história da palavra, há evolução do sistema” (12). Outra contribuição do método léxico-histórico foi a introdução de *preocupações semânticas*; com efeito, o *campo associativo* da palavra apresenta-se como um sistema de dupla “entrada”: de um lado, registra-se a *forma* léxica, sua evolução, acidentes e colisões com concorrentes, de outro lado, anotam-se os acidentes semânticos, geradores de novas relações de sentido. Abrem-se assim as primeiras perspectivas para os estudos semasiológico-onomasiológicos do vocabulário; a nova orientação já se ensaia, aliás, nas preocupações de alguns estudiosos no tocante à criação léxica e semântica, como se pode depreender de alguns títulos de capítulos, cuja semelhança nos chama a atenção:

- 1 — *Comment naissent les mots*, in *La vie des mots*, de A. Darmesteter (1ª edição: 1887);
- 2 — *Comment se créent les mots*, in *La vie du langage*, de W. D. Whitney (trad. franc. de 1875);
- 3 — *Comment les mots changent de sens*, de A. Meillet, (in *Année sociologique* de 1905-6, inserido mais tarde em *Linguistique historique et linguistique générale*, 1958);
- 4 — *Comment les mots changent de sens* e *Comment les notions changent de nom* in *Le Langage*, de J. Vendryes (terminado em 1914, mas editado apenas em 1920)

4 *Criatividade e transformação, segundo Darmesteter, Whitney, Vendryes e Meillet*

4.1 O fato de Darmesteter, Whitney, Vendryes e Meillet revelarem uma preocupação semelhante quanto à formação e organização do vocabulário não significa uma identidade de critérios e métodos de análise. Ao contrário, cada um vai procurar, à sua maneira, conforme seu conceito de linguagem, uma explicação para as mudanças semânticas e formais do vocabulário.

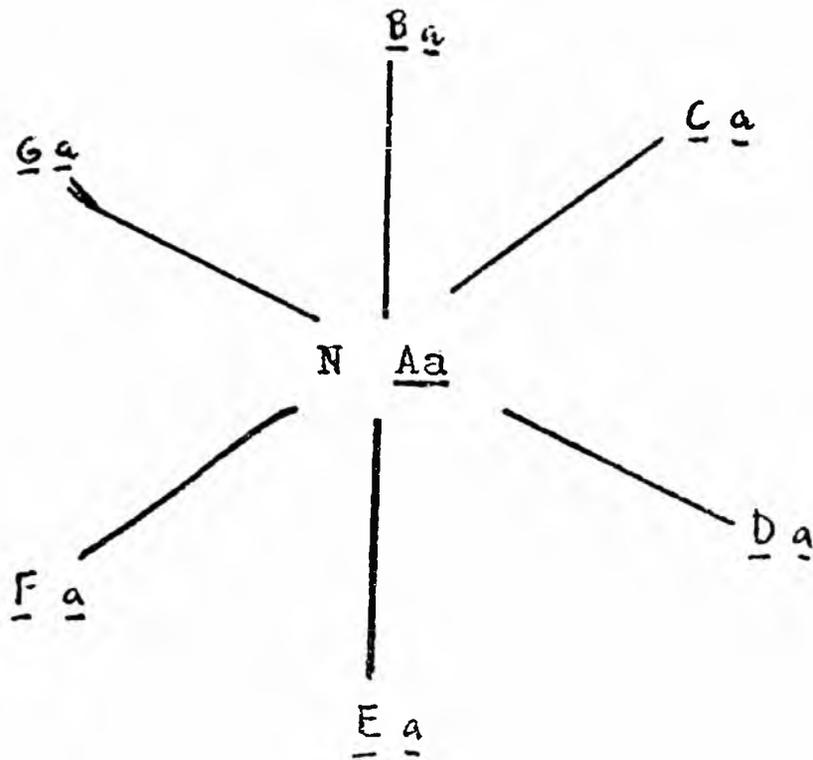
4.2. Começarei por Arsène Darmesteter, cuja obra, *La vie des mots*, já contém, embrionariamente, uma tentativa de semântica “estrutural” Com efeito, neste “livrinho” (como o chama o próprio autor) tão representativo da lingüística do fim do século XIX e tão criticado por sua lógica metafórica impregnada de antropomorfismo (“família”, “língua-mãe”, “vida”, “juventude”, “velhice” das palavras), en-

(12) — K. Baldinger, *ibidem*, p. 243.

saia-se o estabelecimento de uma verdadeira análise componencial do significado. É o que se pode observar, quando Darmesteter esboça uma “teoria” para a explicação das modificações mais complexas de sentido das palavras; duas seriam as causas: o *rayonnement* “irradiação” e o *enchaînement*, “encadeamento” (13).

4.2.1 Assim Darmesteter explica o *rayonnement*, “irradiação”:

“Seja N o nome de um objeto A, seja a uma qualidade qualquer considerada em A, o nome N passará a outros objetos B, C, D, E, F, G, etc., graças à mesma qualidade a que cada um dos objetos possuirá em meio a outras. O seguinte esquema mostrará o fato:



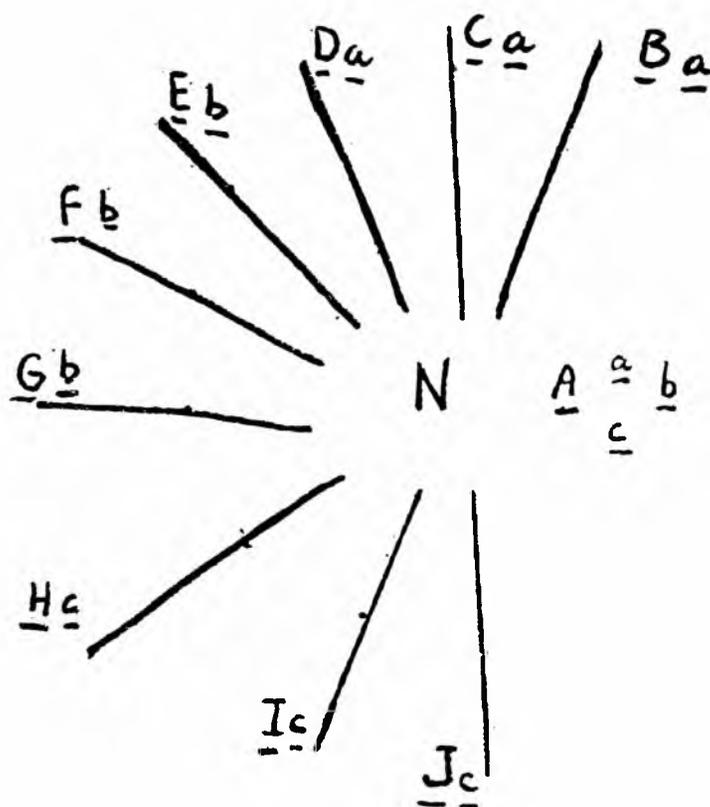
(14)

(13) — A. Darmesteter — *La vie des mots*, pp. 74-5.

(14) — *idem, ibidem*, pp. 74.

4.2.2. Quanto a *enchaînement*, “encadeamento”, comenta o autor:

“Às vezes, a língua considera, num objeto de nome N, duas três, etc. qualidades diferentes, propiciando a passagem desse nome a diversas séries de objetos que têm em comum com A, um, uma qualidade a, outro, uma qualidade b, um terceiro, uma qualidade c, e assim por diante. Esquema:



(15)

4.2.3. Vejamos uma aplicação destes esquemas à palavra *tête*, “cabeça”:

“Por exemplo, a *cabeça* considerada como a parte superior e extrema do corpo dará os empregos figurados: *cabeça de linha*, *cabeça de ponte* etc.; considerada em sua forma física, dará *cabeça de alfinete*, *cabeça de martelo* etc.; considerada como sede do pensamento, dará *ter cabeça*, *cabeça fraca* etc.” (16)

Esta análise semântica, apoiada na teoria da “irradiação”, coloca Darmesteter numa posição singular e avançada para seu tempo. Com efeito, nem Bréal chegou a vislumbrar tais estruturas de signifi-

(15). — *idem, ibidem*, p. 75.

(16). — *idem, ibidem*, loc. cit.

cação: sua *irradiation* nada tem a ver com o já referido *rayonnement* (17), a *restriction* e o *élargissement* (18) não chegam a explicar o mecanismo interno das metáforas que, por sua vez, são tratadas em seus aspectos mais externos propriamente.

Já Darmesteter vislumbra a possibilidade de uma explicação mais interna, mais lingüística, mais. “estrutural”: o nome *cabeça* designa uma parte do corpo com *duas qualidades* — superioridade e extremidade — que se estendem ou se irradiam a determinados objetos; pois bem, não deixa de ser relevante o fato de Greimas, na redução sêmica de *tête*, chegar a um resultado semelhante, ao extrair o núcleo sêmico comum: extremidade + superatividade (19)! Com esta aproximação entre Darmesteter e Greimas, não tenho, evidentemente, o intuito de estabelecer uma filiação direta entre ambos e nem insinuar — o que seria pior! — falta de originalidade na elaborada análise de Greimas. Não, quero apenas mostrar como, na lingüística nascente, do século XIX, alguns pensadores mais atilados já acalentavam o projeto de examinar as estruturas “profundas” da linguagem para explicar, depois, as mutações de “superfície”. Mas é claro que há uma diferença considerável de pontos de vista e concepções entre os referidos lingüistas: com efeito, enquanto, por um lado, os esquemas de Darmesteter mostram uma relação direta entre o nome (N) e o objeto (A), portanto, entre *signo* e *referente*, a abordagem de Greimas é, eminentemente, *semiológica*, isto é, a estrutura de significação é articulada pela própria língua e não pela realidade a que essa língua se refere. Assim, o que Darmesteter analisa como *qualidades do objeto*, *a*, *b*, *c*, ou *d*, são, na verdade, os traços sêmicos do significado, conforme Greimas; em outras palavras, *superatividade* ou *extremidade* não são *qualidades* do objeto e sim do significado ou referência.

4.3 A abordagem de Whitney é bem diferente. Para ele, a criação léxica estaria condicionada a uma lei fundamental que regula a comunicação: a lei da *comodidade*; o suporte teórico dessa explicação encontra-se na concepção convencionalista de Whitney:

“Quando a faculdade humana de dar nomes às coisas des-
perta, ela toma simplesmente, e sem seguir outra lei senão a da
comodidade, os materiais que se apresentam, sem indagar-se mui-
to curiosamente acerca de sua proveniência. Na realidade, o
objetivo a que visa é encontrar um signo que possa estar, doravante,
estritamente ligado a um conceito, e ser empregado, ao mesmo
tempo, para o pensamento íntimo bem como para o pensamento

(17). — M. Bréal — *Essai de sémantique*, cap. III, parte I.

(18). — *idem, ibidem*, caps. X e XI, parte II.

(19). — A. J. Greimas — *Sémantique Structurale*, p. 48.

comunicado. Seria inútil procurar outra coisa, quando o liame pelo qual todo o vocabulário se liga ao espírito é, em cada indivíduo, um liame puramente convencional” (20)

.3.1 Tal concepção implica uma perspectiva totalmente sincrônica do léxico, sem lugar para a investigação etimológica de caráter diacrônico:

“ .A criança apreende as palavras como lhe são dadas e as associa às mesmas idéias que as outras pessoas.

.. As questões etimológicas nada significam para ela..

.O fato é que tais questões não interessam tampouco aos adultos, e o próprio etimologista não se atrapalha de modo algum com elas, na prática. ” (21)

As lembranças etimológicas constituíram até obstáculos à comunicação:

“Já observamos, mais de uma vez, como os homens estão dispostos a esquecer as origens de suas palavras e a suprimir, como obstáculos inúteis, as lembranças etimológicas, a fim de concentrar toda a força da palavra no novo objeto a que está ligada” (22)

4.3.2. Whitney chega, então, a divisar, nesta disposição humana a esquecer os “obstáculos etimológicos”, uma das tendências fundamentais da faculdade de criar palavras:

“Eis aí uma das tendências fundamentais e mais importantes da faculdade de fazer palavras: ela contribui, de modo essencial, para tornar a linguagem mais prática” (23)

E, além de sugerir a inutilidade de explicações etimológicas, acaba por resumi-las todas numa única lei, a da *comodidade*, distinta e acima da necessidade:

(20). — W. D. Whitney — *La vie du langage*, p. 117 A obra de Whitney está a merecer uma cuidadosa leitura. Saussure reconhece a sua importância, citando-o na *Introdução do Curso*. Nosso mestre, o Prof. Isaac Nicolau Salum, chamou-nos a atenção para o fato de que Whitney chega mesmo a empregar o termo *arbitrário*, referindo-se a *signo*: “... signes qui n’ont pas... un lien nécessaire avec les conceptions qu’ils expriment, mais sont .. arbitraires et conventionnels. ”

(Whitney, *ibidem*, p. 20).

(21). — *idem*, *ibidem*, p. 117.

(22). — *idem*, *ibidem*, *loc. cit.*

(23). — *idem*, *ibidem*, *loc. cit.*

“Ao contrário, há razões para tudo; mas o uso atual da palavra não depende delas; elas nem sempre são descobertas e, quando o são, percebe-se que estão fundamentadas na comodidade e não na necessidade” (24)

4.3.3. Todas estas considerações estão em função do conceito de Whitney acerca da linguagem:

“Não se trata de uma potência, nem de uma faculdade; não é sequer o exercício imediato do pensamento; trata-se de um produto mediato desse pensamento, isto é, um instrumento” (25)

Para Whitney, a linguagem seria, então, apenas um *érgon* “produto” e um instrumento de comunicação; não estamos longe da corrente “mecanicista” (de inspiração behaviorista), encabeçada por L. Bloomfield, para quem a comunicação lingüística não é mais do que a resposta (r) a nossos estímulos (E), que provocará um estímulo lingüístico (e) no ouvinte, conduzindo-o à uma resposta comportamental (R), correspondente ao estímulo original (E). (26)

4.3.4. A perspectiva sincrônica e convencionalista de Whitney — bastante salutar para a descrição lingüística estruturalista — apresenta o inconveniente de reduzir a linguagem a um simples mecanismo de “condicionamentos”, sem considerar um aspecto mais profundo, o da *enérgeia*, isto é, a criatividade lingüística. O vocabulário não é apenas um *produto* mas sobretudo uma *estrutura dinâmica* e não é totalmente correto que a criança, como quer Whitney, adquira as palavras “como lhe são dadas”; daí as ressalvas feitas a essa corrente lingüística “mecanicista” por N. Chomsky:

“A criança pode apreender uma grande parte de seu vocabulário e perceber a estrutura da frase ao assistir à televisão, ler, ouvir os adultos etc. Mesmo uma criança pequena, que ainda não adquiriu um mínimo de repertório, de modo a formar novas frases, pode imitar uma palavra bastante bem, ou pelo menos tentá-lo, sem esperar que seus pais lho ensinem. É óbvio também que, num estágio posterior, a criança estará apta para construir e compreender frases praticamente novas, e que são, ao mesmo tempo, aceitáveis em sua linguagem” (27)

(24). — *idem, ibidem*, p. 119.

(25). — *idem, ibidem*, p. 229.

(26). — L. Bloomfield — *Language*, pp. 24-27.

(27) — N. Chomsky — “Verbal Behaviour, by B. F. Skinner”, reviewed by N. Chomsky, in *Language*, 35, 1, 1959, p. 42.

4.3.5. Do funcionamento sincrônico da comunicação lingüística, Whitney extrai, como foi visto, uma das grandes tendências da linguagem: os homens esquecem obstáculos etimológicos a fim de concentrar toda a força da palavra em torno de seu uso *atual*, guiados pela *comodidade* (e não pela *necessidade*). Não fosse a confusão entre comodidade e necessidade ou a desnecessária distinção entre ambas, Whitney estaria bem perto da verdade científica da aludida tendência. Martinet esclareceria, mais tarde, o que ele denominou a *economia lingüística*:

“A evolução lingüística pode ser concebida como regida pela antinomia permanente entre as necessidades comunicativas do homem e a tendência a reduzir ao mínimo a sua atividade mental e psíquica” (28)

Whitney roçou de perto essa tendência fundamental da comunicação lingüística que é transmitir o máximo de informação com um mínimo de elementos formais, mas sua explicação foi ainda inadequada: não se trata de *comodidade* ou *necessidade* e sim de dialética constante entre *eficácia* de comunicação e *economia* de esforço na atividade comunicativa. E nem seria muito exato invocar a “lei do mínimo esforço” (alunos universitários, até mesmo em nível de pós-graduação, recebem com ironia a expressão “mínimo esforço”, como se o gênero humano fosse indolente mesmo ao comunicar-se!): *economia* aqui implica sobretudo *eficácia* na transmissão da informação e a publicidade está, a qualquer momento, aplicando a lei da *economia*, com suas fórmulas telegráficas, quase *icônicas*, em que um máximo de informação deve ser transmitido com um mínimo de significantes:

OS FINS JUSTIFICAM AS MEIAS
ENTRE DE SOLA NA ESCOLA
A NOBREZA ADERIU À MORTADELA
90% DE VOCÊ É ROUPA, VALORIZE ESTE ESPAÇO

4.3.6. A economia lingüística, que, conforme nos mostra Martinet, funciona nos eixos paradigmático e sintagmático da língua (29), é a força motriz das alterações formais e semânticas. É assim que E. Benveniste ultrapassa a Semântica clássica, procurando explicar em profundidade o mecanismo das mudanças de sentido, no célebre e antológico artigo *Problèmes sémantiques de la reconstruction*:

(28) — A. Martinet — *Elements de linguistique générale*, p. 176.

(29) — *Idem, ibidem*, p. 177.

“Na reconstrução de um processo semântico devem entrar também os fatores que provocam o nascimento de uma nova “espécie” de sentido” (30)

E o principal fator para Benveniste reside na perda da especificidade de uma palavra por desgaste provocado por seu uso intenso e variado, o que leva a um enfraquecimento de sentido; há, conseqüentemente, uma perda de informação e a economia lingüística é posta em jogo: surge, então, um substituto do termo desgastado para renovar a informação primeira. Não é, portanto, muito exata a radical visão sincrônica de Whitney no tocante à criação verbal: o falante não utiliza um signo mecanicamente, abstraindo-se do lastro diacrônico que o envolve; ao contrário, segundo Benveniste, o aparecimento de um novo sentido é provocado por um “jogo” diacrônico-sincrônico nos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. O variado emprego de um signo em diversas seqüências sintagmáticas acarreta diluição do sentido ou da informação, havendo, então, uma substituição paradigmática: entra um novo signo com o sentido ou informação primitiva. Assim é que a explicação, segundo a qual, o sentido atual do fr *tête*, “cabeça”, provém de uma metáfora jocosa (lat. *testa*, “jarra, moringa”, > *tête* “cabeça” cf. *Dictionnaire Etymologique* de Bloch-Wartburg), parece ficar na superfície dos fatos. Explica Benveniste:

“O problema começa com o nome da “cabeça” em latim clássico. Verifica-se que *caput* não significa somente “cabeça”, mas também “pessoa”, e ainda “capital (financeiro)”, “capital (de uma província)” (31)

São apresentados os sintagmas em que se encontra *caput*:

“ entra em ligações como *caput amnis*, “fonte, embocadura ou cabeceira do rio”, *caput coniurationis*, “chefe da conjuração”, *caput cenae*, “peça principal de uma refeição”, *caput libri*, “capítulo de livro”, *caput est ut*, “é essencial que” etc. (32)

A variação de seqüências sintagmáticas implicará o desgaste de sentido ou informação:

“O número e a extensão dessas variantes enfraqueciam a especificidade de *caput* “cabeça”, o que conduzia a duas soluções possíveis. Ou o termo seria redeterminado como **caput corporis*

(30). — E. Benveniste — *Problèmes de linguistique générale*, p. 295.

(31). — *Idem, ibidem*, pp. 295.

(32). — *Idem, ibidem*, p. 295.

que teria sido, ele próprio, ambíguo e que, de qualquer modo, a língua rejeitou, ou seria substituído por outro. Foi o que aconteceu em latim mesmo, por meio de *testa*, que designava qualquer concha dura e foi inicialmente aplicada ao que ainda chamamos de “caixa craniana”. O sentido de “crânio” aparece claramente em latim tardio (Antoninus Placentinus: *uidi testam de homine*, “vi um crânio (ou caveira) de homem”) e já servia para denominar a “cabeça”: *testa*: caput vel vas fictile (*C.G.L.*, V. 526-39), de onde, em francês antigo, *teste*, “crânio”. É provável que, como termo de anatomia, *testa* já fosse usado pelos médicos romanos bem antes de os textos o mencionarem” (33)

E Benveniste conclui, observando que os nomes de partes do corpo formam um campo sempre suscetível de uma renovação de informação e deixando claro que as transformações ocorridas neste campo léxico devem-se a mecanismos profundos da criatividade lingüística e não aos jogos e brincadeiras da linguagem:

“Não há pois, nesse processo, nem brincadeira e, na verdade, nem uma singularidade especial de nos chamar a atenção. (o processo) oferece simplesmente um aspecto particular da renovação que atingiu a maioria dos nomes de partes do corpo” (34)

O signo lingüístico encontra-se, destarte, numa complexa rede diacrônico-sincrônica e os “souvenirs étymologiques” não constituem propriamente obstáculos mas componentes fundamentais na dialética *informação/economia*. A criação verbal supõe sempre algo anterior e é neste sentido que a linguagem não é um simples *érgon* “produto” mas uma *energeia* “atividade”, ou melhor ainda (como quer Coseriu), uma *possibilidade* de ir além do que já foi realizado (35).

4.4. J Vendryes foi além de Whitney no que respeita às interpretações acerca das transformações do léxico. Mas não chegou à profundidade de Benveniste: ficou no meio do caminho, pois enxergou o aspecto do desgaste semântico (*usure sémantique*) mas permaneceu na superfície dos fatos, invocando sempre causas *externas* ao mecanismo lingüístico:

(33). — *Idem, ibidem*, pp. 295-6.

(34). — *Idem, ibidem*, p. 296.

(35). — E. Coseriu — anotações do I Seminário de Lingüística, promovido pela Association Internationale de Linguistique Appliquée, (A.I.L.A.), em Besançon, França, 1965.

“Não é menos grave o desgaste semântico. O emprego freqüente desgasta as palavras tanto em seu sentido como em sua forma; e, sobretudo se se trata de palavras expressivas, o valor expressivo se atenua rapidamente com o uso. A palavra torna-se gasta e apagada. Quando se trata, por exemplo, de exprimir as emoções da alma, vemos as palavras mais fortes cair pouco a pouco no descrédito e, finalmente, sair de uso, pois já não são mais expressivas” (36)

4 4 1 Conforme as observações de Benveniste transcritas anteriormente, a explicação de Vendryes pode ser criticada em vários aspectos: não é bem *usure* (“desgaste”) de significado que sofrem as palavras de freqüente emprego e sim *perda de especificidade*, o que, aliás, pode ocorrer em qualquer área do vocabulário. Por outro lado, Vendryes parece circunscrever o fenômeno da *usure* à área de palavras que qualifica como expressivas, por exemplo, as que exprimem as emoções da alma; ora, na verdade, qualquer palavra pode adquirir a função expressiva e referir-se a qualquer significado: não é pertinente o fato de uma palavra referir-se a emoções da alma, bem como não é muito adequado falar em “palavras mais fortes”, “descrédito” etc., pois, trata-se de uma metalinguagem externa à Lingüística. Dentro dessa perspectiva, Vendryes analisa a palavra *tête*:

“A palavra *tête*, “cabeça”, é um termo de gíria com relação a *caput*; e se *tête*, por sua vez, viesse a ser destronada por *firole* ou *bobine* (37), isso representaria um novo êxito em favor da gíria” (38)

E as seguintes considerações justificam bem a crítica de Benveniste às interpretações clássicas da Semântica, impregnadas de “psicologia”:

“Denominar a cabeça com o nome *pote* é um fato tão natural que pode ser observado em outras línguas, principalmente em germânico, em que o alemão *Kopf* é aparentado ao latim *cupa* e ao escandinavo *kollr*, tirado de *kolla*, “pote” (39)

Ora, a argúcia de Benveniste nos mostrou que a relação entre *cabeça* e *pote* não é tão natural assim e pode ser explicada por um minucioso exame das ocorrências da palavra dentro do mecanismo paradigmático sintagmático da língua.

(36) — J. Vendryes — *Le Langage*, p. 240.

(37) . — Alguns exemplos equivalentes em português: *cuca*, *moringa*, etc.

(38) . — J. Vendryes, *ibidem*, p. 241.

(39) — *Idem*, *ibidem*, *loc. cit.*

4.4.2. Outra causa *externa* citada por Vendryes para a explicação da *usure* semântica é a *social*:

“Mesmo nos exemplos precedentes, a psicologia não explica tudo. O desgaste que sofrem as palavras sempre se deve um pouco à ação do meio social em que são empregadas. Convém, então, examinar sob o aspecto social a questão do renovamento dos vocabulários. A causa social aparece nitidamente nas transformações das palavras por razões de decência” (40)

A *decência*, o *tabu* a *atividade* social ou profissional seriam geradores de metáforas ou metonímias, por meio das quais as palavras mudam de sentido. Mas a ênfase dada às causas psicológico-sociais afastam Vendryes da análise *interna* das mudanças semânticas; o eminente Linguísta acalentará, a partir daí, a tentadora idéia de estudar as condições psicológicas e sociais dos povos:

“Tanto quanto acerca da psicologia, as transformações de sentido informam também a respeito das condições sociais dos povos” (41)

Seguem-se inferências totalmente *externas* à lingüística e bastante discutíveis:

“Deste modo, o vocabulário inglês revelaria, sem dúvida, um maior respeito do que o nosso [isto é, o francês] no que se refere às coisas religiosas e às pessoas dedicadas a Deus. Entre o alemão e o francês, denunciar-se-iam, do mesmo modo, certas diferenças. Ambos de bom grado aplicam nomes de animais a pessoas; mas, muitas vezes, impregnamos esse uso de um sentimento de ironia, desprezo ou insulto. Já o alemão, mais sentimental, acrescenta-lhe, de preferência, um matiz de afeição” (42)

São muito contestáveis tais considerações: na verdade, qualquer falante, de qualquer língua, pode ser mais ou menos respeitoso, irônico, sentimental ou afetuoso; o léxico de uma língua pode ser manejado em todas as direções, pois, constitui um sistema bastante “aberto”. Aprioristicamente, o léxico nada informa quanto ao sentimentalismo ou irreverência de um povo.

(40). — *Idem, ibidem*, p. 243.

(41). — *Idem, ibidem*, p. 233.

(42). — *Idem, ibidem*, p. 232.

4.4.3. É por esse caminho, entretanto, que Vendryes reivindicará a criação de uma *semântica geral*, nitidamente influenciado por Bréal:

“Pode-se prever a constituição de uma semântica geral que, centralizando as informações tiradas de cada língua sobre mudanças de sentido, permitirá reunir estas sob alguns princípios, não do ponto de vista simplesmente lógico, como tem sido feito até agora, mas do ponto de vista psicológico. Para tal, seria preciso partir não de palavras, mas das idéias que representam” (43)

Apesar da validade do projeto — estabelecimento de uma *semântica geral* — a direção de Vendryes é exatamente oposta à dos semanticistas modernos (Greimas, Pottier, Coseriu, Guiraud etc.): com efeito, pleitea-se hoje uma *semântica* que parta justamente dos *signos* que, por sua vez, como quer Hjelmslev, envolvem tanto o plano da *expressão* como o do *conteúdo*. Assim, uma *semântica psicológica*, baseada em *conteúdos* (e não em palavras!), como pretendia Vendryes, nada teria de propriamente lingüístico. A Lingüística contemporânea está justamente em busca de sua própria lógica e chega a ser incorreta a crítica de Vendryes ao já tão criticado Darmesteter, quanto a *leis gerais* que explicariam as mudanças de sentido:

“Essas leis nunca se encontram nas próprias palavras. O defeito do livro de Darmesteter foi conduzir à crença numa lógica interna que regularia as transformações semânticas das palavras” (44)

É até irônico observar que Darmesteter estava, talvez, mais perto das grandes tendências da semântica moderna, ao tentar, justamente, o estabelecimento de uma lógica interna das transformações pela decomposição dos significados (que inadequadamente chama de “*objets*”) em *qualidades*.

4.4.4. Quero lembrar que as ressalvas aqui feitas não tiram absolutamente o mérito dos citados capítulos do livro de Vendryes que viu, com muito acerto, a importância das *famílias* de palavras para a conservação ou evolução de sentido:

“Esses exemplos mostram a que ações estão sujeitas as palavras por parte de outras palavras da mesma família lingüística”.
(45)

(43). — *Idem, ibidem*, p. 228.

(44). — *Idem, ibidem*, p. 218.

(45). — *Idem, ibidem*, p. 220.

E, quase em contradição com a idéia da “semântica psicológica” e externa à lingüística, o autor vislumbra a existência de mecanismos lingüísticos internos:

“Produz-se no cérebro um trabalho inconsciente que fixa as palavras em certos sentidos e as prepara, de um modo geral, para os diversos empregos a que se destinam” (46)

Esta noção do “trabalho inconsciente” é retomada mais adiante, quando Vendryes invoca a teoria da harmonia imitativa de M. Grammont para explicar a criação da palavra *kodak*:

“A palavra *kodak* tem imagem, uma imagem auditiva: acreditamos ouvir o disparador do mecanismo que abre e fecha o aparelho. O criador da palavra teria percebido esse valor e quis fazer harmonia imitativa? É possível, mas não necessário. Há sempre um acordo inconsciente que se estabelece entre os sons e as coisas. ”

“.. Ao batizar, com um nome forjado de ponto em branco, um objeto qualquer, não podemos deixar de estar inconscientemente guiados por correspondências subjetivas entre os sons e os objetos. Uma palavra como *kodak* está conforme, aliás, com as regras da linguagem onomatopaica: as consoantes têm a articulação justa, e as vogais, o timbre imposto pelas próprias leis de M. Grammont. Está tão bem formada que nos perguntamos se poderia ser de outro modo” (47)

Apesar de marcadas ainda por uma *psicologia* externa ao fato lingüístico em si, tais considerações desembocam numa conclusão surpreendentemente avançada para a época:

“A faculdade de criar palavras novas não passa, provavelmente, de uma ilusão. Esta conclusão nos faz voltar ao grande princípio da evolução lingüística, segundo o qual as línguas procedem por *transfomações* (grifo meu) de elementos existentes e não por criação” (48)

A idéia de transformação já estava presente, de fato, na Fonética e Morfologia comparativas, mas não no léxico, difícil de ser regulado por leis gerais. Vendryes acaba chegando a duas idéias nucleares da *etimologia estrutural* de P. Guiraud, como veremos adiante: o *simbo-*

(46). — *Idem, ibidem, loc. cit.*

(47). — *Idem, ibidem, pp. 254-55.*

(48). — *Idem, ibidem, p. 255.*

lismo fonético de *matrizes* formais e a *transformação* destas matrizes, gerando novas formas.

4.5. Já a análise de Meillet é de cunho eminentemente sociológico. Reconhecendo os limites das classificações lógicas e lamentando que o *Essai de Sémantique*, de M. Bréal, não chegasse a apresentar a pesquisa de um sistema “complet et fermé” de mudanças de sentido (49), o Autor assinala alguns fatores sociais responsáveis por mudanças lingüísticas:

- 4.5.1 a — o caráter *descontínuo* na transmissão da linguagem: cada nova geração recria a linguagem que herdou de seus pais, modificando-a (50);
- b — desagregação de famílias de palavras: as palavras afastam-se muito da raiz primitiva, deixam de apoiar-se umas nas outras e expõem-se à ação de “diversas influências que tendem a modificar o sentido” Meillet exemplifica o fato com a família ligada à raiz *tek-/*teg- “cobrir”, em que o sentido de algumas palavras especializou-se, afastando-se de sentido primitivo: *tegmen*, “o que serve para cobrir, roupa” e *tegere* “cobrir” estão bem ligados à raiz, mas *tectum* “teto”, *tegula* “telha” e *toga* “manto, toga” apresentam um distanciamento semântico da raiz, provocado pelo *isolamento* dessas palavras (51);
- c — mudança nas *coisas* designadas pelas palavras: *pai* e *mãe*, continuação normal de *pater* e *mater*, já não exprimem as mesmas noções por não estar associadas às mesmas representações que as palavras latinas ou indo-europeias (52);
- d — “ação da *divisão* dos homens em *classes* distintas no sentido das palavras” (53), causa já assinalada por Vendryes e, antes, por Bréal;
- e — constituição *heterogênea* dos grupos sociais também intervém nas alterações do vocabulário (54).

Entre todos os citados fatores, Meillet elege a pressão dos grupos sociais dentro de uma comunidade em que se fala determinada língua como o princípio essencial da mudança de sentido, observando que:

(49). — A. Meillet — *Linguistique historique et linguistique générale*, t. I, p. 234.

(50). — *Idem, ibidem*, p. 235.

(51) — *Idem, ibidem*, p. 237.

(52) — *Idem, ibidem*, p. 241.

(53) — *Idem, ibidem*, p. 244.

(54) — *Idem, ibidem*, p. 248.

“ se é verdade que uma transformação de sentido não possa produzir-se sem ter sido provocada por uma causa definida — e este é o postulado necessário a qualquer teoria sólida em semântica —, o princípio aqui invocado é o único conhecido e imaginável cuja intervenção seja suficientemente poderosa para explicar a maioria dos fatos observados; e, por outro lado, a hipótese é verificável no lugar em que as circunstâncias permitem acompanhar de perto os fatos” (55)

Meillet exemplifica o fato com o verbo *chasser* “expulsar”: proveniente do lat. vulg. *captiare* (ligado a *capere* “tomar, prender”), *chasser* adquiriu, no grupo dos caçadores o sentido de “empurrar, impelir adiante para capturar”, perdendo depois a precisão técnica e passando simplesmente ao sentido de “empurrar, impelir, expulsar” (56).

Queixando-se do silêncio dos dicionários etimológicos quanto às causas das mudanças de sentido, Meillet propõe um princípio de método para a investigação etimológico- semântica:

a — convém examinar primeiramente a forma da palavra e seu grau de isolamento na língua: uma palavra isolada comporta-se diferentemente de uma inserida num grupo; é preciso inteirar-se também da possível influência da forma e do papel, na frase, das associações fônicas que desperta;

b — acompanhar a história das coisas significadas e sua influência na palavra e conexões com o resto do vocabulário;

c — é preciso sobretudo, assinalar por quais grupos sociais a palavra foi transmitida, passando de uma língua particular a outra (57).

4.5.3. Aqui, o mérito de Meillet está em reconhecer a dificuldade de traçar uma metodologia uniforme de investigação, variadas que são as causas das mudanças de sentido. Algumas considerações suas já podem ser hoje criticadas, como, por exemplo, a tese da transmissão descontínua da linguagem: as modificações que uma nova geração pode introduzir no sistema lingüístico que herdou ficam, em geral, no nível das “estruturas superficiais” como resultados de *transformações* dos modelos *profundos* da estrutura lingüística (como propõem Chomsky, Coseriu e outros); parece, então, que, apesar de registrar a distinção humboldtiana *érgon* / *enérgéia* (58), Meillet não

(55) — *Idem, ibidem*, p. 257.

(56) — *Idem, ibidem*, p. 259.

(57) — *Idem, ibidem*, p. 267.

(58). — A. Meillet — *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, p. 460.

a explorou suficientemente, admitindo — incorretamente, a meu ver — que uma geração receba de outra anterior um sistema lingüístico como apenas *produto*: ao contrário, quando uma criança aprende uma língua, o que ela aprendeu, na verdade, foi a criação ou transformação (*enérgeia*) de modelos.

4.5.4. Apesar de tais ressalvas, é claro que fica um valioso e positivo saldo da análise de algumas idéias “lexicológicas” de Meillet: a importância que atribuiu ao papel do *referente*, do *contexto* e da *situação social* nas análises semânticas coloca-o na ordem do dia, agora, com as modernas perspectivas da sociolingüística.

4.6. O traço dominante de todos esses autores e “escolas” do fim do século XIX e início do século XX é a ênfase no fator psicológico-social para a interpretação de problemas inacessíveis ao comparatismo histórico. Mas, com razão, adverte P. Guiraud:

“Mas sobre a natureza lingüística (e não simplesmente lógica) da metáfora, da derivação ou de qualquer outro modo de criação léxica, sabemos pouca coisa; a natureza dessas relações não tem sido reconhecida, sistematicamente; e a conjectura repousa, no final das contas, unicamente nos dados imediatos da evidência externa” (59)

A evidência interna, lingüística propriamente, da criação léxica levará P. Guiraud a ensaiar o estabelecimento de uma etimologia (ou lexicologia) “estrutural”, a até mesmo “transformacional”

5. *Em direção a uma Etimologia “estrutural” ou “transformacional”*

5.1 A coexistência de *história* e *sistema*, sugerida pela escola de Wartburg e Baldinger, desemboca numa preocupação dominante da Lexicologia contemporânea: reduzir a massa do léxico a um sistema estruturado (60). Esta idéia já se esboça nas constelações formais e semânticas de Saussure (geradas pelas relações sintagmáticas e associativas de um signo), nos *campos associativos* de Bally (61), nas *esferas* ou *campos conceituais* de Weisberger, Trier ou Matoré (62), acabando por traduzir-se numa verdadeira declaração de princípio em defesa de uma organização estrutural do léxico: o léxico *não* é um

(59). — P. Guiraud — *L'Étymologie*, pp. 86-7

(60). — P. Guiraud — “Distribution et transformation de la notion de ‘coup’” in *Langue Française*, 4, dezembro, 1969, pp. 67-74.

(61) — St. Ullmann — *Semântica* — pp. 476-7

(62). — Apud A. Rey — *La lexicologie*, p. 130 e W. von Wartburg — *ibidem* pp. 170-73.

amontoado de palavras, *un tas de mots* (63), *a bag of words* (64), *a piling up of lexations* (65) ou *un répertoire de mots* (66). Bem representativo dessa nova orientação lexicológica é *Pour une sémantique structurale*, resposta de Louis Hjelmslev à pergunta *Dans quelle mesure les significations des mots peuvent-elles être considérées comme formant une structure?* formulada no VIII Congresso Internacional de Lingüística (67). Reconhecendo a dificuldade do estabelecimento de uma semântica estrutural, pois o próprio léxico apresenta-se “caprichoso e justo o contrário de estrutura”, o eminente lingüista propõe a decomposição da substância semântica de um signo por meio da função *comutação*:

“Dois membros de uma paradigma pertencentes ao plano da expressão (ou significante) são chamados *comutáveis* (ou *invariantes*), se a substituição de um desses membros por outro acarretar uma substituição análoga no plano do conteúdo (ou significado); inversamente, dois membros de um paradigma do conteúdo são *comutáveis*, se a substituição de um por outro acarretar uma substituição análoga na expressão” (68)

Decorre daí que, onde não há *comutação*, ocorre *substituição* e os membros do paradigma serão simplesmente *variantes*. O campo do parentesco ilustrará como *comutação* e *substituição* variam de uma língua a outra; Hjelmslev parte de quatro grandezas semânticas (irmão e irmã mais velhos, o caçula e a caçula) analisadas diferentemente em húngaro, francês e malaio:

	húngaro	francês	malaio
“irmão mais velho”	<i>bátya</i>	<i>frère</i>	<i>sudarā</i>
“o caçula”	<i>öccs</i>		
“irmã mais velha”	<i>néne</i>	<i>soeur</i>	
“a caçula”	<i>húg</i>		

(69)

Desta comparação podem ser extraídos as componentes *invariantes* e *mínimas* dos signos, ponto de partida para a decomposição sê-

(63). — *Idem, ibidem.*

(64). — G. Mounin — *Clefs pour la sémantique*, pp. 49-50.

(65). — Z. Harris — “Distributional structures”, in *Word*, v954, nº 2 e 3, pp. 146-162 e apud G. Mounin — *Los problemas teóricos de la traducción*, p. 41.

(66). — A. Martinet, *ibidem*, p. 10.

(67). — L. Hjelmslev — *Essais linguistiques*, pp. 105-121.

(69). — *Idem, ibidem*, p. 113.

mica de Greimas e Pottier; esta análise semântica *componencial* repartiria o significado de *égua* em “cavalo” + “fêmea”

5.2. Outra perspectiva para investigar a organização estrutural do vocabulário é a *contextual* e quem melhor formalizou seu princípio básico foi Benveniste no decisivo *Problèmes sémantiques de la reconstruction*:

“O princípio único de que nos utilizaremos nas considerações que se seguem, tomando-o como aceito, é o de que o “sentido” de uma forma lingüística se define pela totalidade de seus empregos, por sua distribuição e pelos tipos de ligações que eles resultam” (70)

É bem lembrar que tal princípio já se encontra esboçado no já comentado artigo de Meillet — *Comment les mots changent de sens* — em que o sentido de uma palavra define-se por uma média entre os empregos lingüísticos, de um lado, e os indivíduos e grupos de uma mesma sociedade, de outro lado. Na linha de Benveniste, modernamente, está o filósofo Wittgenstein para quem “o significado de uma palavra é seu uso na língua” (*Philosophical Investigations*, p. 20) (71)

5.3. Guiado por esse princípio, P. Guiraud parte em busca de *evidências lingüísticas internas* que expliquem a criação léxica. Examinando minuciosamente a ocorrência e emprego de um grande número de signos, o Autor procura determinar-lhes um denominador semântico comum denominado protossemantismo:

“Assim, por trás de centenas de palavras, encontramos uma série de sinônimos, baseada numa imagem arcaica comum, e que denominarei de bom grado o *protossemantismo*. E é de se compreender toda a diferença entre uma relação externa e completamente isolada que associa fortuitamente dois objetos e duas noções e esse semantismo profundamente integrado no sistema da língua, o qual precipita e atualiza a metáfora” (72)

A esse *protossemantismo* corresponderia um *protomorfismo*, constituindo ambos um *campo morfo-semântico* de dupla entrada: de um lado, os paradigmas formais correspondentes a determinadas categorias se-

(70). — E. Benveniste, *ibidem*, p. 290.

(71). — L. Wittgenstein, *Philosophical Investigations*, p. 20 e apud Ullmann, *ibidem*, p. 132.

(72) — P. Guiraud — *L'Etymologie*, p. 101.

mânticas, de outro, os paradigmas semânticos correspondentes a categorias formais. Assim, para explicar a criação léxica, o etimologista deveria detectar as estruturas elementares morfo-semânticas, ou *matrizes, responsáveis* por novas formações:

“ essas estruturas elementares, esses paradigmas, são verdadeiras *matrizes*, isto é, fôrmas em que vertemos as palavras, mas, além disso, com a idéia de um certo *dinamismo*, na medida em que tais estruturas, apenas por sua existência, tendem a precipitar novas formações e a engendrar novas palavras” (73)

Sublinhei *dinamismo*, pois é esta a idéia nodular de Guiraud:

“E a palavra “dinamismo” não é uma figura e sim, um verdadeiro “campo de forças” conjuntas e “compostas” que está na origem da criação da palavra — e, de qualquer modo, de seus empregos e valores. O que denominamos campo morfo-semântico é essencialmente a reconstrução desse feixe de forças; ou melhor, de um sistema de motivações complexas que se compõem e se equilibram. Em tal campo, as palavras não estão isoladas. O problema tradicional da correspondência entre forma e sentido é substituído pelo da convergência de um conjunto de sentidos e de conjunto de formas” (74)

5.3.1 O *dinamismo* do campo morfo-semântico foi bem demonstrado por Guiraud na análise da *Distribution et transformation de la notion de “coup”* (golpe) (75). O Autor levanta um inventário de cerca de 500 palavras construídas a partir de um elemento T K. (com alternâncias vocálicas ou consonânticas: *TIK / TAK / TOK, TOK / TOCH / TAK, TRIK / TRAK / TROK*); há também outro étimo, C. K., com iguais alternâncias, e ainda P K., M. K., T P etc. Para Guiraud, todos esses étimos e alternâncias constituem “onomatopéias cinéticas nas quais os movimentos dos órgãos da fala mimam os do membro ou instrumento portador do golpe, sendo que a vogal indica se o mesmo é chato, penetrante ou contundente” (76) A partir daí, vai sendo detectado o semantismo profundo e suas transformações, com os diversos tipos de golpe e, para cada um deles, a ação, o agente ou instrumento e o resultado:

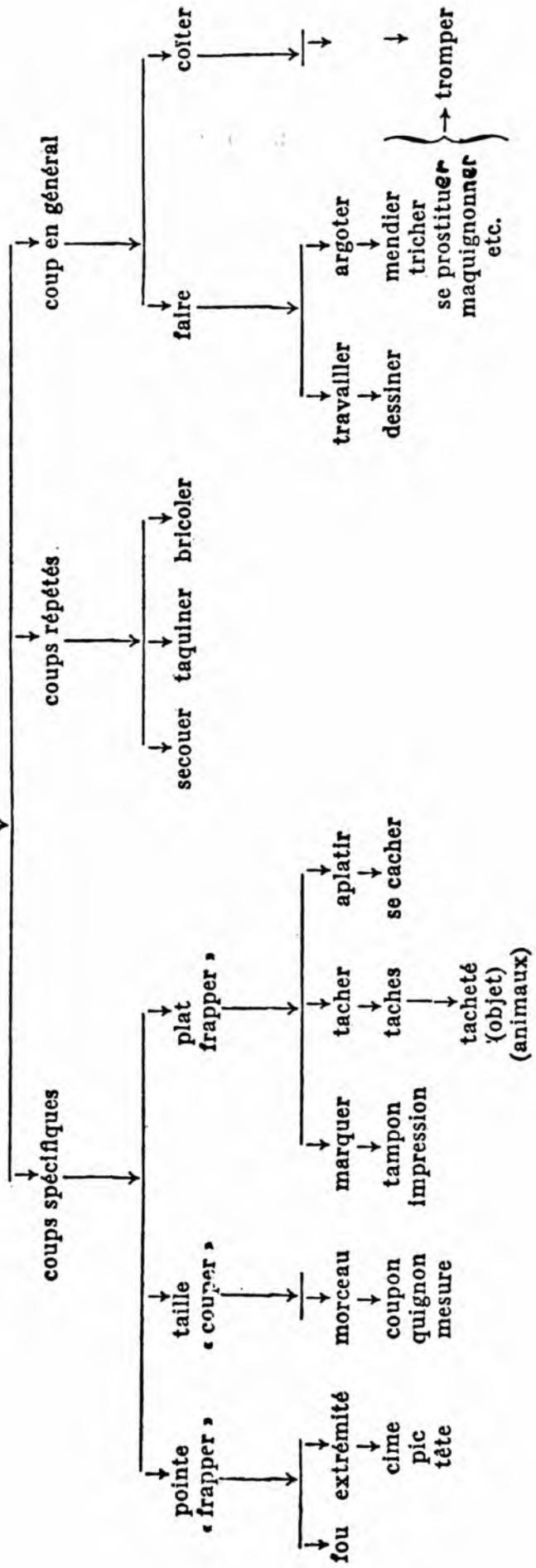
(73). — *Idem, ibidem*, p. 106.

(74). — *Idem, ibidem*, p. 119.

(75) — Guiraud — “*Distribution et transformation.* ”, *loc. cit.*

(76) — *Idem, ibidem*, p. 68.

COUP (< MOUVEMENT)



É interessante notar certos cruzamentos de semantismos nesta “árvore” transformacional que esclarecem muitos problemas etimológico-semânticos, jamais explicáveis pela Etimologia clássica; assim de “couper” “bater” derivam nomes que indicam o paciente, o homem que sofreu o golpe; mas esse semantismo não é direto, pois, passa por um sentido especial de *couper, toquer, piquer* “fraper la cloche” e cruza-se com o semantismo *coupe* “tête” (cabeça). O *toqué, toc, piqué, marteau* ou *timbré* é o homem que levou um golpe na cabeça e ficou meio “doido” (77)

Observa, então, Guiraud:

“Assim, pouco a pouco, afastamo-nos da estrutura profunda, mas a cadeia dessas transformações é perfeitamente simples e coerente. Toda análise etimológica tradicional deve ser retomada em função destas regras; não se poderá constatar outra coisa senão o parentesco morfossemântico de termos separados por sua origem histórica” (78)

5.3.2. P Guiraud procura assim uma relação necessária entre expressão e conteúdo que constituiria, em última análise, a reconciliação entre estrutura e história, sincronia e diacronia, arbitrariedade e motivação do signo lingüístico. A Etimologia estrutural de Guiraud, baseada num dinamismo transformacional, permite entender a reinterpretação da distinção *érgon / enérgeia* feita por Coseriu. Com efeito, este lingüista, indo além mesmo de Chomsky, dividiu, entre *érgon* e *enérgeia*, a *δύναμις* “força” ou, mais precisamente, “potencialidade”:

“ uma atividade pode ser considerada:

- a) como tal, Κατ'ἐνέργειαν, b) como atividade em potência, Κατὰ δύναμιν;
- c) como atividade realizada em seus produtos, Κατ'ἔργον (79)

5.3.3. É no nível da *dýnamis* que se situam as matrizes lexicogênicas de Guiraud. A Etimologia estrutural seria a afirmação “da existência necessária de longíquos protomorfismos e protossemantismos, estrutura dupla e acrônica sem a qual só se poderia compreender o aspecto externo e superficial das coisas da linguagem.” (80).

* *
*

(77). — *Idem, ibidem*, pp. 69-70.
(78). — *Idem, ibidem*, p. 74.
(79) — E. Coseriu — *Teoría del lenguaje Y lingüística general*, p. 286
(80) — J. P. Colin — “À propos de *Structure étymologiques du lexique français*”, de P. Guiraud”, in *Langue Française*, 4, dezembro, 1969, pp. 120-123.

BIBLIOGRAFIA

1. — Baldinger, K. — “L’Etymologie hier et aujourd’hui” in *Cahiers de l’Association internationale des études françaises*, Paris, maio, 1959, nº 11.
2. — Benveniste, E. — *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, 1966 (vol. I).
3. — Bloch, O. e W. von Wartburg — *Dictionnaire Etymologique de la langue française*, Paris, P.U.F., 1964.
4. — Bloomfield, L. — *Language* — Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1962.
5. — Bréal, M. — *Essai de sémantique*, Paris, Hachette, 1924, 7ª edição.
6. — Chomsky, N. — *Revisw* (resenha): B.F. Skinner — *Verbal Behaviour*, in *Language*, vol. 35, nº 1, jan.-março, 1959.
7. — Colin, J.-P — “À propos de *Structures étymologiques du lexique français*, de P Guiraud, in *Langue Française*, nº 10, maio, 1971, Paris, Larousse.
8. — Coseriu, E. — *Teoría del lenguaje y lingüística general* — Madrid, Gredos, 1969.
9. — Darmesteter, A. — *La vie des mots* — Paris, Delagrave, 1918.
10. — Greimas, A.J — *Sémantique structurale* — Paris, Larousse, 1966.
11. — Guiraud, P. — *L’Etymologie* — Paris, P.U.F., 1964.
— *Structures étymologiques du lexique français*, Paris, Larousse, 1967.
— “Distribution et transformation de la notion de *coup*”, in *Langue Française*, nº 10, maio, 1971, Paris, Larousse.
12. — Hjelmslev, L. — *Essais linguistiques* — Paris, Minuit, 1971.
13. — Leroy, M. — *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna* — São Paulo, Cultrix, 1971.
14. — Martinet, A. — *Elements de linguistique générale*, Paris, A. Colin, 1967.
15. — Mato:é, G. — *La méthode en lexicologie* — Nouvelle édition refondue, Paris, Didier, 1973.
16. — Meillet, A. — *Introduction à l’étude comparative des langues générale* — t. I, Lib. H. Champion, 1958; t. II, Klincksieck, 1952, Paris.
17. — Mounin, P — *Clefs pour la sémantique* — Paris, Seghers, 1972.
— *Los Problemas Teóricos de la Traducción* — Madrid, Gredos, 1971.
— *La Lingüística Du XXème Siècle* — S.U.P., P.U.F., Paris, 1973.

18. — Rey, A. — *La Lexicologie* — Paris, Klincksieck, 1970.
— “Le dictionnaire étymologique de W. von Wartburg, structures d’une description diachronique du lexique”, in *Langue Française*, n° 10, maio, 1971, Paris, Larousse.
19. — Ullmann, it. — *Semântica* — Lisboa, Gulbenkian, 1967
- 20 — Vendryes, J. — *Le Langage* — Paris, Albin Michel, 1968.
21. — Wartburg, W von — *Problèmes et méthodes de la linguistique* — Paris, P.U.F., 1963.
22. — Whitney, W.D. — *La vie du langage*, Paris, Lib. Germer Baillière, Paris, 1875.